

## VOLTAIRE HISTORIADOR

---

Helenice Rodrigues da Silva\*

LOPES, M. A. *Voltaire historiador* – uma introdução ao pensamento na época do iluminismo. Campinas: Papirus, 2001.

As “luzes”, ou seja, esse movimento de emancipação que a razão dos filósofos libera das tradições e da autoridade (inscrita na religião e no poder monárquico), fazem seu aparecimento antes mesmo de 1700. É com Spinoza, Leibnitz, Bayle e Locke que esse processo de delineamento de uma nova ordem do mundo começa, então, a se esboçar. Conseqüentemente, a emergência das ciências e da técnica, o movimento das forças produtivas, a edificação política do estado moderno, a referência aos valores do humanismo, da razão e do progresso consolidam-se nessa experiência histórica da modernidade, que foram as luzes do século XVIII. Rompendo com a tradição, o “esclarecimento” (esse movimento de referência à uma ética política, filosófica, econômica...) transforma o homem em centro das interrogações do conhecimento e a razão em nova religião.

Expressão por excelência do “escritor-jurista” da Idade Clássica (segundo a formulação de Michel Foucault), ou seja, daquele que pretende representar a lei de Deus ou do Estado em nome da razão universal, Voltaire é a encarnação mesma do espírito desse século.

Após ter consagrado sua tese de doutorado a esse personagem, Marcos Antônio Lopes desdobra seu objeto, conduzindo, desta vez, sua objetiva em direção ao Voltaire-historiador. Buscando elucidar sua contribuição para a historiografia, o autor se fundamenta em suas principais obras históricas e em alguns contos filosóficos para desvendar as supostas ambigüidades do pensamento voltairiano. Segundo Lopes, a obra de Voltaire situa-se na confluência de duas culturas e de duas civilizações: a época clássica e o século das luzes. Tendo, então, como ponto de partida a idéia

\* Professora-adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

de uma continuidade entre a tradição historiográfica teológico-religiosa e a história ilumista voltaíriana, Marcos Lopes tenta mostrar a herança intelectual do século XVII sobre o empreendimento historiográfico de Voltaire. Isso significa o questionamento de sua vocação de inovador.

Um primeiro capítulo é consagrado à formação de um Voltaire-historiador, influenciado pelo seu trabalho filosófico, inscrito no contexto da chamada crise da “consciência europeia” dos anos 1680/1715. Ora, como escritor, Voltaire aborda todos os gêneros e todos os assuntos e suas principais obras históricas – *História de Carlos II* (1731) e *O século de Luís XIV* (1751) refletem o seu fascínio pelas grandes figuras do poder e pela temática da monarquia absoluta. Suas obras históricas, construídas a partir de uma documentação escrupulosa, exaltam os “grandes homens” que, promovendo o progresso da civilização, trazem novas iluminações para a História. Enquanto que as luzes questionam o dogma da origem divina da monarquia, o despotismo esclarecido, inspirado por elas, é ilustrado de maneira diversa, segundo os Estados, segundo as monarquias e segundo os pensadores. Exaltando em sua historiografia as “virtudes” do monarca absoluto, esse historiador ilumista estaria, por assim dizer, contradizendo sua vocação de filósofo das luzes?

Ora, no momento em que Voltaire escreve *O século de Luís XIV*, dois sentimentos parecem coabituar os espíritos da época. É inegável que, se a figura desse soberano desperta, em meio às críticas iluministas, reações contundentes, ela não deixa de ser, concomitantemente, fonte de incitação dos ardores nacionais. Dentro dessa perspectiva, Voltaire, interessando-se pelo *roi-soleil*, tenta apreender uma história, por um lado, imbricada pela nostalgia de um passado glorioso e, por outro, pelo sentimento de concretização, por parte desse soberano, da civilização e do progresso.

Grande conhecedor de sua obra, Marcos Lopes mostra as imbricações e as nuances, nem sempre desvendadas, do pensamento voltaíriano. Apesar de sua aparente “modernidade”, o historiador Voltaire inscreve-se, segundo o autor, na tradição direta da historiografia de seu predecessor: Bossuet. Objeto do segundo capítulo, a herança desse último, na sua obra historiográfica, abre caminho para as especulações sobre a historia iluminista, em termos comparativos (com a história do século XVII). Impregnado pelo estilo de “virtuose” dos autores do passado, Voltaire con-

cebe uma história “providencial” de uma sociedade modelada pelos grandes homens, ou seja, pela ação sábia e prudente dos monarcas. Esses princípios virtuosos eram vistos como os únicos personagens capazes de conduzir o destino das nações. Servindo-se de documentos inéditos, Voltaire introduz, nessa narrativa das políticas-batalhas, novas temáticas, como a cultura de um povo e as relações com o comércio internacional. Essa preocupação em alargar o seu enfoque observa-se, sobretudo, nas *Novas considerações sobre a história*, obra publicada em 1774.

Nessa leitura crítica de um Voltaire nem sempre inovador, Lopes insiste sobre o peso das tradições intelectuais passadas na historiografia desse iluminista. Embora ele tivesse introduzido novos métodos e novas práticas, como a crítica dos documentos, a busca do verossímil, a rejeição das suposições, Voltaire não teria conseguido ultrapassar os limites de um pensamento, que o autor considera, em suma, pré-historicista. Sua história-batalha, obviamente, não concebia espaço para a valorização da imaginação e do simbolismo. Mas a sua grande contribuição não teria sido, exatamente, a de delinear uma nova visão historiográfica que antecipa o historicismo?

No capítulo o “diálogo de serpentes: Voltaire interlocutor de Maquiavel”, o autor destaca similitudes e influências das idéias políticas do florentino, notadamente, em relação às concepções voltairianas da “virtù”. A herança de Maquiavel se faz sentir, em Voltaire, em termos da idealização do poder político. Na perspectiva política de ambos, a ação do princípio representa o meio e o instrumento mais eficaz de se obter progresso e ordem.

Para melhor ilustrar o pensamento político voltairiano, Lopes busca na leitura dos contos (*Cândido*, *Memnon* ou *A sabedoria humana* e outros) exemplos de combates, de recusas e de irreverências: ao anticlericalismo, ao obscurantismo, ao inverossímil. Sem dúvida, a parte mais estimulante da obra de Voltaire são os contos filosóficos que, em prosa viva e espiritual, plena de humor, ironizam as instituições políticas, denunciando as injustiças, as intolerâncias e as vaidades. O essencial de sua atividade literária foi assim consagrado à difusão de suas idéias filosóficas. Para além dos contos, os panfletos e as intervenções junto à opinião pública, em vias de se constituir, refletem um Voltaire engajado no combate das luzes. O *Caso Calas*, como bem mostra Marcos Lopes, ilustra admiravel-

mente a luta obstinada desse filósofo em defesa da verdade e da justiça. A propósito, Voltaire teria sido o predecessor legítimo do personagem intelectual, tal como este último é apreendido pela história cultural e política francesa.

Dando prova de grande rigor e erudição, Marcos Antônio Lopes consegue retratar de forma judiciosa o quadro histórico de Voltaire, expressando nuances e questionando evidências. Para isso, ele recorre às leituras dos especialistas do iluminismo, cujas opiniões se contrapõem às suas próprias indagações. No entanto, pensa-se que esse retrato das luzes, que constitui um dos objetos mesmo desse estudo, talvez pudesse ter sido pintado em tonalidades mais vivas. O autor poderia ter se voltado mais, por exemplo, em direção à paisagem cultural da época. Uma maior contextualização contribuiria, certamente, para que esse quadro tivesse uma maior luminosidade. Em outras palavras, a tonalidade um pouco clara dessa pintura pode dever-se à ausência desse suporte contextual. Contudo, não é pelo fato dessa pintura ter parecido pouco colorida, que o quadro retratado não tenha sua merecida e reconhecida qualidade.